

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 478

A ESTRUTURA DO DESEMPREGO NO BRASIL *

Ricardo Paes de Barros^{**}
José Márcio Camargo^{***}
Rosane Mendonça^{****}

Rio de Janeiro, maio de 1997

* Este estudo é parte de dois projetos. O primeiro faz parte de um convênio firmado entre o Ministério do Trabalho e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — IPEA-RJ e, o segundo, entre essa última instituição e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES. Gostaríamos de agradecer a toda a nossa equipe pelo excelente apoio e, em particular, a Débora Martins pelo valioso suporte dado a este projeto.

^{**} Da Diretoria de Pesquisa do IPEA.

^{***} Da PUC/RJ.

^{****} Bolsista ANPEC/PNPE na Diretoria de Pesquisa do IPEA.



O IPEA é uma fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, cujas finalidades são: auxiliar o ministro na elaboração e no acompanhamento da política econômica e prover atividades de pesquisa econômica aplicada nas áreas fiscal, financeira, externa e de desenvolvimento setorial.

Presidente

Fernando Rezende

Diretoria

Claudio Monteiro Considera

Luís Fernando Tironi

Gustavo Maia Gomes

Mariano de Matos Macedo

Luiz Antonio de Souza Cordeiro

Murilo Lôbo

TEXTO PARA DISCUSSÃO tem o objetivo de divulgar resultados de estudos desenvolvidos direta ou indiretamente pelo IPEA, bem como trabalhos considerados de relevância para disseminação pelo Instituto, para informar profissionais especializados e colher sugestões.

ISSN 1415-4765

SERVIÇO EDITORIAL

Rio de Janeiro – RJ

Av. Presidente Antônio Carlos, 51 – 14º andar – CEP 20020-010

Telefax: (021) 220-5533

E-mail: editrj@ipea.gov.br

Brasília – DF

SBS Q. 1 Bl. J, Ed. BNDES – 10º andar – CEP 70076-900

Telefax: (061) 315-5314

E-mail: editbsb@ipea.gov.br

© IPEA, 1998

É permitida a reprodução deste texto, desde que obrigatoriamente citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são rigorosamente proibidas.

SUMÁRIO

RESUMO

1 - INTRODUÇÃO	1
1.1 - Motivação.....	1
1.2 - Objetivo	1
1.3 - Aplicações.....	4
2 - METODOLOGIA	5
2.1 - Dimensões e Categorias.....	5
2.2 - Indicadores Utilizados	6
3 - RESULTADOS.....	12
3.1 - Magnitude do Desemprego.....	12
3.2 - Entrada e Saída do Desemprego.....	18
3.3 - Contribuição para o Estoque de Desemprego	21
4 - IMPLICAÇÕES E SUBSÍDIOS PARA POLÍTICAS	24
4.1 - Desigualdade e Pobreza.....	24
4.2 - Nível Educacional, Experiência e Desemprego	25
4.3 - Determinantes Imediatos da Taxa de Desemprego.....	26
4.4 - Rotatividade: Fatores Determinantes.....	28
4.5 - Duração do Desemprego: Fatores Determinantes.....	29
4.6 - Políticas de Emprego e Programas de Treinamento	30
4.7 - Seguro Desemprego	30
BIBLIOGRAFIA	31

RESUMO

O problema de geração de empregos no Brasil parece estar menos relacionado com a quantidade de postos de trabalho gerados e mais com a qualidade desses. É possível que, apesar de sua baixa prevalência, o desemprego no Brasil seja importante determinante da pobreza. A análise da estrutura do desemprego por sexo, nível educacional, idade, posição no domicílio, setor de atividade, e posição na ocupação, permite uma visão mais profunda da relação entre desemprego, pobreza e desigualdade no Brasil. Investiga-se em que medida esta estrutura variou ao longo do período e de que forma a de São Paulo difere das regiões metropolitanas brasileiras.

1 - INTRODUÇÃO¹

1.1 - Motivação

O volume de estudos sobre desemprego no Brasil tem sido relativamente pequeno, em grande medida, devido à crença de que a precariedade do emprego é um fator muito mais importante para explicar os altos graus de pobreza e desigualdade observados no país do que propriamente a falta de empregos.² Em outras palavras, o problema de geração de empregos no Brasil parece estar muito menos relacionado com a quantidade de postos de trabalho gerados e muito mais com a qualidade desses.

Entretanto, todo cuidado é pouco na explicação desta lógica. Não é necessariamente verdade que, por ser relativamente baixa, a taxa de desemprego no Brasil tenha pouca responsabilidade sobre os elevados graus de pobreza e desigualdade observados no país. É possível que, apesar da sua baixa prevalência, o desemprego seja um importante determinante da pobreza. Dois casos podem ocorrer. Em primeiro lugar, é possível que o desemprego (apesar de ser baixo, em média) esteja concentrado em alguns poucos grupos levando, portanto, a que este tenha significativa influência sobre o grau de pobreza. Por exemplo, é perfeitamente possível observarmos uma taxa de desemprego agregada de 3% e, para alguns subgrupos na economia, observarmos taxas de desemprego superiores a 20%.

Em segundo lugar, mesmo que a taxa de desemprego de um dado grupo seja baixa é ainda possível que esta seja responsável pela pobreza de certos segmentos deste grupo, uma vez que baixas taxas de desemprego são perfeitamente compatíveis com longos períodos de desemprego. Por exemplo, uma taxa de desemprego de 5% pode indicar que, a cada mês, 5% da população ficam desempregados por apenas um mês ou que 5% da população encontram-se permanentemente desempregados. Os impactos sobre a pobreza destas duas situações são bastante distintos, sendo muito maiores na segunda do que na primeira situação.

Um dos objetivos fundamentais da análise da estrutura do desemprego (isto é, como o desemprego se distribui entre os diversos grupos sociais em que se pode dividir a população economicamente ativa) desenvolvida neste trabalho é permitir diferenciar entre as diversas situações possíveis, possibilitando uma visão mais aprofundada da relação entre desemprego, pobreza e desigualdade no Brasil.

1.2 - Objetivo

Os estudos sobre desemprego podem ser organizados em três grupos. Em primeiro lugar, têm-se aqueles dedicados a desenvolver ou aprimorar o conceito de desemprego e especificar como esse conceito pode ou deve ser empiricamente

¹ Este estudo faz parte de um convênio com o Ministério do Trabalho.

² Por exemplo, a questão da informalidade tem recebido muito mais atenção que a questão do desemprego.

operacionalizado. Em segundo lugar, têm-se os estudos que visam estudar o comportamento da taxa de desemprego agregada, avaliando seus determinantes ou identificando suas principais propriedades, ou ainda, procurando analisar como ela se relaciona com as demais variáveis macroeconômicas [veja, por exemplo, Amadeo e Estevão (1990)]. Finalmente, têm-se os estudos que visam analisar a estrutura da taxa de desemprego. Dentre estes três tipos de estudos o último é aquele que tem recebido menor atenção tanto no Brasil como nos demais países.

No caso brasileiro, apesar da ampla disponibilidade de informações, existe uma grande escassez de estudos sobre a estrutura do desemprego. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) e a Pesquisa sobre Desemprego e Subemprego de Fortaleza, entre outras, coletam sistematicamente esta informação com os microdados estando publicamente disponíveis na maioria dos casos. Além disso, informações secundárias sobre a estrutura do desemprego têm sido sistematicamente publicadas pelo IBGE com base na PME, e pelo Dieese/Seade com base na PED. Apesar de toda esta riqueza de informações, poucas têm sido as análises sobre a estrutura do desemprego no Brasil, com importantes exceções sendo os trabalhos recentes de Corseuil (1994, 1996), Bivar (1993) Ferreira (1993) e Rocha (1993).

Este trabalho, visa contribuir para essa emergente literatura analisando, com base nas informações contidas na PME, a estrutura do desemprego. A análise considera a estrutura do desemprego por sexo, nível educacional, idade, posição no domicílio, setor de atividade, e posição na ocupação. Por estrutura do desemprego entendemos os padrões de variação da incidência e da duração média do desemprego ao longo destas diversas dimensões. Para caracterizar a estrutura do desemprego neste trabalho calculamos oito indicadores para cada categoria. Esses indicadores estão apresentados na Tabela 1 e encontram-se descritos na Seção 2. Todos podem ser obtidos a partir de três indicadores básicos: **a)** a taxa de desemprego específica da categoria; **b)** a duração média do desemprego para a categoria; e **c)** a proporção da população economicamente ativa que pertence a categoria. Assim, por exemplo, a estrutura do desemprego por sexo é determinada pelas taxas de desemprego e a duração média do desemprego para homens e mulheres e pela composição da população economicamente ativa por sexo.

A análise se centra na estrutura do desemprego na região metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93. Como um importante complemento a esta análise básica investigamos também em que medida esta estrutura variou ao longo do período e em que medida a estrutura para São Paulo difere da estrutura para as demais regiões metropolitanas brasileiras. Para isso, comparamos os resultados básicos obtidos para São Paulo no período 1982/93 com os correspondentes resultados para Recife e para alguns sub-períodos. Ao longo de todo o trabalho o período de referência utilizado para definir emprego e desemprego foi sempre a semana.³

³ Analisamos, também, a estrutura do desemprego utilizando o mês como período de referência mas, como os resultados obtidos são virtualmente idênticos, decidimos não apresentá-los.

Tabela 1
Indicadores de Desemprego

Dimensões e Categorias	Taxa de Desemprego (%)		Duração Média do Desemprego entre os Desempregados (meses)		Proporção da PEA (%)		Magnitude do Desemprego (meses)		Proporção dos Desempregados (%)		Contribuição para Estoque de Meses Desemprego (%)		Probabilidade de Saída (%)		Probabilidade de Entrada (%)	
	São Paulo	Recife	São Paulo	Recife	São Paulo	Recife	São Paulo	Recife	São Paulo	Recife	São Paulo	Recife	São Paulo	Recife	São Paulo	Recife
Sexo																
Mulher (SM)	5,0	6,2	1,6	2,6	63,3	63,1	0,1	0,2	61,3	58,8	47,5	42,9	22,2	17,0	1,2	1,1
Homem (SH)	5,5	7,4	7,9	11,2	36,7	36,9	0,4	0,8	38,7	41,2	52,5	57,1	12,7	9,0	0,7	0,7
Idade																
10-19 (I1)	12,3	11,5	1,8	2,8	13,3	12,7	0,5	0,5	31,6	21,8	21,5	10,9	25,4	24,9	3,6	3,2
20-29 (I2)	6,5	10,4	5,9	8,0	32,2	32,6	0,4	0,8	40,6	50,8	41,1	50,6	17,0	12,4	1,2	1,4
30-39 (I3)	2,9	3,9	7,6	11,5	42,9	42,1	0,2	0,4	24,3	24,5	31,9	34,8	13,2	8,7	0,4	0,4
>=40 (I4)	1,5	1,5	9,3	10,5	11,5	12,6	0,1	0,2	3,4	2,8	3,4	3,7	10,8	9,5	0,2	0,1
Profissão no Domicílio																
Chefe (FC)	2,8	3,4	4,8	5,4	46,6	45,3	0,1	0,2	25,2	22,9	21,1	18,2	20,6	15,5	0,6	0,5
Cajalugo (CJ)	3,0	3,8	16,3	21,3	14,5	14,7	0,5	0,8	8,2	8,3	23,2	21,9	6,1	4,7	0,2	0,2
Filho (FF)	9,6	12,2	4,9	6,9	29,9	31,6	0,5	0,8	55,6	57,8	47,0	49,7	20,4	14,4	2,2	2,0
Nível Educacional																
0 (E0)	3,3	3,9	1,0	1,8	7,1	14,3	0,2	0,3	4,5	8,5	4,2	6,8	18,5	15,4	0,6	0,6
1-3 (E3)	4,9	5,8	5,6	6,7	13,0	14,1	0,3	0,4	12,3	12,1	11,8	10,1	17,9	14,9	0,9	0,9
4 (E4)	4,7	6,4	5,6	7,2	23,6	14,9	0,3	0,5	20,7	14,3	20,0	12,7	17,8	14,0	0,9	0,9
5-7 (E7)	8,9	9,3	5,1	7,5	15,1	17,4	0,5	0,7	25,9	24,3	23,0	22,6	19,5	13,4	1,9	1,4
8 (E8)	6,0	8,0	6,2	8,5	11,5	8,8	0,4	0,7	13,3	10,6	14,1	11,2	16,2	11,7	1,0	1,0
9-10 (E10)	7,2	11,3	5,6	8,3	5,3	5,1	0,4	0,9	7,3	8,7	7,1	9,0	17,9	12,0	1,4	1,5
11 (E11)	4,1	7,2	6,8	10,2	12,3	14,6	0,3	0,7	9,8	15,8	11,5	19,9	14,7	9,9	0,6	0,8
12-14 (E14)	3,7	5,9	6,8	8,9	4,4	3,3	0,2	0,5	3,1	2,9	3,7	3,2	14,7	11,3	0,6	0,7
>=15 (E15)	1,9	2,5	8,5	12,8	8,6	7,8	0,2	0,3	3,1	2,9	4,6	4,6	11,7	7,8	0,2	0,2
Profissão na Ocupação																
Funcionário Público (OF)	1,6	2,3	3,9	12,1	8,0	13,9	0,1	0,3	2,4	4,7	3,7	7,1	11,2	8,2	0,2	0,2
Com Carteira (OC)	4,9	6,5	7,0	11,1	55,3	36,2	0,3	0,7	52,7	35,4	63,3	48,9	14,4	9,0	0,7	0,6
Sem Carteira (OS)	9,5	10,8	5,3	8,8	16,1	21,4	0,5	1,0	29,6	34,7	27,3	38,0	18,7	11,3	2,0	1,4
Conta-Própria (OP)	1,8	2,6	5,6	5,5	14,6	22,4	0,1	0,1	5,2	8,7	5,0	5,9	17,8	18,3	0,3	0,5
Sector de Atividade																
Indústria de Transformação (SI)	5,8	7,8	6,9	11,5	32,2	14,0	0,4	0,9	35,9	16,4	42,5	23,5	14,6	8,7	0,9	0,7
Construção Civil (SC)	5,7	11,5	3,7	4,5	6,4	7,0	0,2	0,5	7,1	12,1	4,5	6,7	27,1	22,4	1,6	2,9
Comércio (SO)	5,2	3,6	6,3	11,4	13,8	17,1	0,3	0,6	13,9	14,3	15,2	20,3	15,8	8,7	0,9	0,5
Serviços (SS)	3,8	4,8	6,4	10,3	42,9	47,1	0,2	0,3	31,8	33,9	25,3	43,3	15,5	9,7	0,6	0,5

Nota: Os números em itálico referem-se aos dados preliminares.

- (1) - Taxa de desemprego específica de categoria = # pessoas desempregadas na categoria / PEA na categoria.
- (2) - Duração média do desemprego entre os desempregados na categoria = somatório dos meses de desemprego dos desempregados na categoria / # pessoas desempregadas na categoria.
- (3) - Proporção de PEA na categoria = PEA na categoria / PEA total.
- (4) - Magnitude do desemprego = somatório dos meses de desemprego dos desempregados na categoria / PEA na categoria.
- (5) - Proporção dos desempregados que participam à categoria = # desempregados na categoria / Total de desempregados na população.
- (6) - Contribuição da categoria para o estoque de meses de desemprego na economia = # total de meses de desemprego dos desempregados na categoria / Total de meses de desemprego na economia.
- (7) - Probabilidade de saída (0) = $\frac{1}{E(T+D)}$ onde T = tempo de entrada e D = tempo de desemprego.
- (8) - Probabilidade de entrada = $1 / (E(T+D)-1)$ onde T = tempo de desemprego transacionado e D = dias de retribuição de pesquisa, e D é um indicador para desemprego tal que D=1 quando a pessoa está desempregada.

1.3 - Aplicações

O estoque de desemprego, quer medido pelo número de desempregados, quer medido por semanas ou meses de desemprego, é um passivo social que pode estar distribuído de forma eqüitativa ou extremamente desigual. A análise da estrutura do desemprego é fundamentalmente uma análise de como este passivo social encontra-se distribuído.

Conforme mencionado na Introdução, o impacto do desemprego sobre a pobreza e a desigualdade vai depender sobremaneira da forma como o estoque de desemprego encontra-se distribuído. Caso o desemprego estivesse concentrado nos grupos com menores chances de serem pobres (por exemplo, trabalhadores com maior nível educacional) ou entre os trabalhadores cujo rendimento tem pouco impacto sobre o orçamento familiar (por exemplo, trabalhadores jovens), o seu impacto sobre a pobreza e a desigualdade seria muito menor do que se estivesse concentrado entre os trabalhadores com maiores riscos de serem pobres (por exemplo, trabalhadores com menor nível educacional) ou entre os trabalhadores cujo rendimento tem grande importância para o orçamento familiar (por exemplo, chefes de família).

Assim, pela própria natureza intrinsecamente distributiva de uma análise da estrutura do desemprego, sua principal e mais imediata aplicação será sempre a avaliação do impacto do desemprego sobre a pobreza e a desigualdade. Além desta aplicação, o conhecimento da estrutura do desemprego é útil a uma série de outras questões.

Em primeiro lugar, o conhecimento da estrutura do desemprego permite identificar fatores como nível educacional, qualificação profissional e experiência no mercado de trabalho, que determinam o desemprego. Além disso, e em grande medida relacionado a esta questão, o conhecimento da estrutura do desemprego permite testar ou corroborar determinadas teorias sobre a origem do desemprego, ao menos na medida em que estas teorias têm previsões sobre que tipo de trabalhador tem maiores chances de se tornar desempregado. O conhecimento dos fatores determinantes do desemprego, de sua importância relativa, assim como dos mecanismos que levam a sua ocorrência, é fundamental ao desenho de políticas de longo prazo que sejam capazes de reduzir o desemprego de forma eficaz.

Em segundo lugar, a estrutura da taxa de desemprego informa sobre a dispersão desta entre tipos de trabalhadores e setores de atividade, permite avaliar o grau de turbulência do mercado de trabalho (isto é, o volume de choques setoriais a que a economia está sujeita) e o grau de descasamento entre as habilidades ofertadas e demandadas no mercado de trabalho. O conhecimento detalhado do grau de turbulência e de descasamento de habilidades no mercado de trabalho é fundamental ao desenho de políticas de treinamento/retreinamento e de suporte a determinados grupos que visem aprimorar o funcionamento do mercado de trabalho.

Em terceiro lugar, o acompanhamento da estrutura do desemprego permite identificar tanto o perfil dos trabalhadores desempregados, como também identificar os setores que estão reduzindo e expandindo o emprego. Esta informação é fundamental ao desenho de programas de treinamento/retraining que facilitem a reintegração de trabalhadores desempregados na medida em que possibilita, por um lado, determinar a qualificação dos trabalhadores a serem retrainados e, por outro, identificar os setores a que devem se dirigir no futuro.

Em quarto lugar, com base no conhecimento da estrutura do desemprego é possível conhecer o perfil demográfico e por qualificação e localização geográfica dos desempregados. Esta informação é fundamental ao desenho de programas de geração de emprego que demandem prioritariamente o segmento da mão-de-obra que se encontra desempregada. Em outras palavras, o conhecimento da estrutura do desemprego permite melhor focalizar as políticas de geração de emprego.

Em quinto lugar, o conhecimento da estrutura do desemprego é vital para o gerenciamento e análise dos impactos do programa de seguro desemprego. Do ponto de vista do gerenciamento, o conhecimento do perfil demográfico e por qualificação dos desempregados é fundamental para se estimar o custo do programa uma vez que este depende não apenas do número de desempregados, mas também do seu nível de renda e, portanto, de qualificação. Por exemplo, o crescimento da qualificação média dos desempregados leva a um aumento no custo do programa na medida em que existe uma relação monotônica entre a magnitude do benefício e o salário recebido anteriormente. Do ponto de vista da análise dos impactos do programa, o conhecimento do perfil dos desempregados é fundamental para a avaliação do perfil dos beneficiários deste e do seu impacto distributivo e sobre a pobreza. Ainda do ponto de vista distributivo, o perfil dos desempregados por setor de origem permite identificar como a demanda por seguro desemprego varia por setor de atividade. Esta informação, quando contrastada com informações sobre a contribuição de cada setor para as receitas do programa, permite identificar em que setores as despesas são relativamente maiores e em que setores o oposto ocorre.

2 - METODOLOGIA

2.1 - Dimensões e Categorias

Um estudo sobre a estrutura do desemprego é essencialmente um estudo sobre como o desemprego se distribui entre os diversos grupos sociais em que se pode dividir a população economicamente ativa. Assim, um dos primeiros passos é sempre definir que dimensões serão investigadas e que categorias da população serão utilizadas ao longo de cada uma destas dimensões.

Neste estudo investigamos como variam a incidência e a duração do desemprego ao longo de seis dimensões: **a)** sexo; **b)** nível educacional; **c)** idade; **d)** posição no domicílio; **e)** setor de atividade; e **f)** posição na ocupação. Com relação a cada uma destas dimensões, dividimos a população economicamente ativa em um

conjunto de categorias. As categorias utilizadas relativas a cada uma destas dimensões foram:

- a) Sexo (2): homem, mulher;
- b) Nível educacional: esta variável é medida pelo número de séries completas de estudo de cada trabalhador. Neste trabalho esta variável assume valores entre 0 e 17;
- c) Idade: neste trabalho estamos considerando pessoas com idade entre 10 e 70 anos;
- d) Posição no domicílio (5): chefe, cônjuge, filho, parente e agregado;
- e) Setor de atividade (5): indústria da transformação, construção civil, comércio, serviços e outros;
- f) Posição na ocupação (5): funcionário público, empregado com carteira, empregado sem carteira, trabalhador por conta própria e empregador.

É importante ressaltar que investigamos cada uma destas dimensões isoladamente. Assim, com base nos resultados obtidos, é possível comparar diversos aspectos do desemprego masculino com os correspondentes aspectos do desemprego feminino, ou comparar aspectos do desemprego dos chefes com os dos filhos. No entanto, não é possível combinar estas dimensões. Assim, não podemos comparar aspectos do desemprego de chefes homens com o de filhos homens ou comparar a taxa de desemprego de filhas com a correspondente taxa para filhos.⁴

2.2 - Indicadores Utilizados

2.2.1 - Indicadores Básicos

Neste estudo trabalhamos com oito indicadores de desemprego que são construídos a partir de três indicadores básicos. Todos esses indicadores são estimados para cada uma das categorias em que dividimos a população economicamente ativa ao longo das seis dimensões analisadas. Os indicadores básicos são: **a)** taxa de desemprego para a categoria; **b)** duração média do desemprego entre os desempregados que pertencem a categoria; e **c)** proporção da população economicamente ativa que pertence a categoria.

Definimos a população economicamente ativa como a população com 10 anos ou mais de idade que tinha trabalho ou procurou trabalho na semana de referência da pesquisa. Como desempregados foram incluídos aqueles, e somente aqueles, que não tinham trabalho na semana de referência, mas que procuraram trabalho nesta

⁴ Numa futura extensão deste trabalho procuraremos considerar combinações das dimensões analisadas isoladamente neste estudo.

semana. Por duração do desemprego de um desempregado entendemos o número de meses de desemprego decorrido até a data de referência da pesquisa.

A taxa de desemprego de uma dada categoria é definida como a razão entre o número de pessoas desempregadas e a população economicamente ativa que pertence à categoria. A duração média do desemprego entre os desempregados que pertencem à categoria é a razão entre a soma dos meses de desemprego dos desempregados na categoria e o número de pessoas desempregadas na categoria. Finalmente, a proporção da população economicamente ativa que pertence à categoria é definida como a razão entre a população economicamente ativa que pertence à categoria e a população economicamente ativa total.

Consideremos a população economicamente ativa como o nosso universo de análise, Ω , e denotemos por ω um membro nesta população. O conjunto de categorias de cada dimensão da análise induz uma partição deste universo. Se $\{1, \dots, k\}$ denota o conjunto de categorias possíveis e C é um indicador de categoria, tal que $C(\omega)=j$, se o membro ω pertence à categoria j , então, a proporção da população economicamente ativa que pertence à categoria j é uma estimativa não-viesada de $P[C=j]$. Além disso, se D é um indicador para desemprego, tal que $D(\omega)=1$ se ω é um membro desempregado e $D(\omega)=0$ se caso contrário, então, a taxa de desemprego para a categoria j é um estimador não-viesado para $P[D=1 | C=j]$. De forma similar, se $T(\omega)$ denota o tempo de desemprego transcorrido até a data de referência da pesquisa ($T(\omega)=0$ significa que a pessoa tinha trabalho), então, a duração média do desemprego entre os desempregados que pertencem à categoria j é uma estimativa não-viesada para $E[T | D=1, C=j]$. É importante notar que definida desta forma a duração do desemprego não capta a duração completa do episódio, mas sim apenas a duração até a data de referência da pesquisa. Portanto, nossa medida para a duração média do desemprego de um conjunto de desempregados é uma subestimativa para a duração média do episódio completo para este conjunto de desempregados. No entanto, conforme será ressaltado na Subseção 2.2.4, sob certas hipóteses, esta média apesar de viesada como um estimador para a duração média de um episódio completo para a população de desempregados em um ponto no tempo consiste em um estimador não-viesado para a duração média de um episódio completo para a população como um todo.

2.2.2 - Indicadores Secundários

Com base nesses três indicadores básicos, três indicadores secundários foram obtidos para cada categoria: **a)** duração média do desemprego para a população economicamente ativa que pertence a categoria; **b)** proporção dos desempregados que pertencem à categoria; e **c)** contribuição da categoria para o estoque de meses de desemprego na economia.

Cada um desses indicadores pode ser estimado da seguinte forma: a duração média do desemprego para a população economicamente ativa que pertence a uma

dada categoria é a razão entre a soma dos meses de desemprego dos desempregados na categoria e o número de pessoas economicamente ativas na categoria. Este indicador é um estimador não-viesado $E[T | C=j]$ e pode ser obtido a partir dos indicadores básicos, notando-se que:

$$E[T | C=j] = E[T | D=1, C=j].P[D=1 | C=j] + E[T | D=0, C=j].P[D=0 | C=j]$$

Como $T(\omega)=0$ se a pessoa tinha trabalho ($D(\omega)=0$), tem-se que $E[T | D=0, C=j]=0$ e, portanto, que:

$$E[T | C=j] = E[T | D=1, C=j].P[D=1 | C=j]$$

A proporção dos desempregados que pertencem à categoria é a razão entre o número de desempregados na categoria e o número total de desempregados na população. Este indicador é um estimador não-viesado para $P[C=j | D=1]$ e pode ser obtido a partir dos indicadores básicos, notando-se que:

$$P[C=j | D=1] = \frac{P[D=1 | C=j].P[C=j]}{\sum_{i=1}^k P[D=1 | C=i].P[C=i]}$$

Finalmente, a contribuição de uma dada categoria para o estoque de meses de desemprego na economia é dada pela razão entre o total de meses de desemprego dos desempregados na categoria e o total de meses de desemprego na economia como um todo. Este indicador é um estimador não-viesado para:

$$\frac{E[T | C=j].P[C=j]}{\sum_{i=1}^k E[T | C=i].P[C=i]}$$

e, portanto, pode ser facilmente obtido a partir dos indicadores básicos.

2.2.3 - Utilidade dos Indicadores Básicos e Secundários

Os seis indicadores introduzidos até o momento permitem, em conjunto, uma mensuração abrangente de dois importantes aspectos do desemprego: **a)** a intensidade do desemprego em cada categoria e **b)** a contribuição de cada categoria para o estoque de meses de desemprego da economia. É importante diferenciar entre estas duas questões, uma vez que é possível que a intensidade do desemprego em uma categoria seja bastante elevada sem que a sua contribuição para o estoque de desemprego o seja. Isto pode ocorrer devido à contribuição para o estoque depender não apenas da intensidade do desemprego nesta categoria, mas, também, do seu tamanho relativo. Da mesma forma, é possível que, apesar de a contribuição da categoria para o estoque de desemprego ser elevada, a intensidade do desemprego nesta categoria seja relativamente baixa; neste caso, a elevada contribuição seria devido ao seu elevado tamanho relativo.

Três dos indicadores medem a **extensão/intensidade** do desemprego na categoria, enquanto dois medem a **contribuição** da categoria para o estoque agregado de desemprego. O indicador restante é a proporção da população economicamente ativa que pertence a uma dada categoria e fornece informação sobre o tamanho relativo da categoria, servindo como um elo de ligação entre os dois grupos de indicadores. A diferença entre os indicadores em cada um destes dois grupos reside na unidade de contabilidade utilizada, podendo esta ser **trabalhadores desempregados** ou **meses de desemprego**, conforme o caso.

Os três indicadores que medem a **extensão/intensidade** do desemprego são: **a)** taxa de desemprego na categoria, **b)** a duração média do desemprego entre os desempregados que pertencem à categoria e **c)** duração média do desemprego para a população economicamente ativa na categoria. A taxa de desemprego dá uma idéia da extensão do desemprego na categoria, não sendo, no entanto, uma medida da intensidade do fenômeno. Por outro lado, a duração média do desemprego entre os desempregados na categoria dá uma idéia da intensidade (severidade) do desemprego entre aqueles atingidos, mas não fornece nenhuma indicação da incidência do fenômeno. A duração média do desemprego para a população economicamente ativa na categoria (denominada magnitude do desemprego), por ser o produto dos dois indicadores anteriores, é uma medida global da intensidade do fenômeno abrangendo tanto a margem extensiva como a intensiva.

Os dois indicadores que medem a contribuição de cada categoria para o estoque de desemprego da economia são: **a)** proporção dos desempregados que pertencem à categoria e **b)** contribuição da categoria para o estoque de meses de desemprego na economia. Estes indicadores são uma medida da contribuição da categoria para o estoque de desemprego quando a unidade de contabilidade são pessoas ou meses de desemprego, respectivamente.

Note-se que existe uma conexão próxima entre os indicadores nos dois grupos que utilizam a mesma unidade de contabilidade entre **a)** taxa de desemprego e proporção dos desempregados na categoria e entre **b)** duração média do desemprego para a população economicamente ativa na categoria e contribuição da categoria para o estoque de meses de desemprego na economia. De fato, a taxa de desemprego e a proporção dos desempregados na categoria estão relacionadas via:

$$P[D=1 \mid C=j] = \frac{P[D=1]}{P[C=j]} P[C=j \mid D=1]$$

De forma similar, a duração média do desemprego para toda a população economicamente ativa na categoria e a contribuição da categoria para o estoque de meses de desemprego na economia estão relacionadas via:

$$E[T | C=j] = \frac{E[T]}{P[C=j]} \frac{E[T|C=j].P[C=j]}{\sum_{i=1}^k E[T|C=i].P[C=i]}$$

2.2.4 - Indicadores Especiais

A interpretação dos indicadores de incidência e intensidade do desemprego é bastante simplificada assumindo-se que o mercado de trabalho encontra-se em estado estacionário. Neste caso, existe equilíbrio entre o fluxo de trabalhadores entrando e saindo da situação de desemprego. Assim, se denotarmos por F o número de trabalhadores na população economicamente ativa, por μ a taxa de desemprego e por s e a , a probabilidade de um trabalhador empregado perder seu emprego (probabilidade de entrada no desemprego) e a probabilidade de um trabalhador desempregado encontrar um emprego (probabilidade de sair do desemprego), respectivamente, teremos que a igualdade entre os fluxos de entrada e saída da situação de desemprego implica que:

$$s(1-\mu)F = a\mu F$$

e, portanto, que em estado estacionário:

$$s = a\mu/(1-\mu)$$

Assim, caso a probabilidade de saída do desemprego seja conhecida, é possível obter uma estimativa da probabilidade de entrada no desemprego a partir da taxa de desemprego.

O próximo passo será, então, determinar como a probabilidade de um trabalhador sair do desemprego pode ser estimada, sob certas hipóteses, a partir da duração média do tempo de desemprego dos desempregados. Esta passagem pode ser feita se supormos que a distribuição do tempo de desemprego é exponencial. Neste caso, temos que:

$$a = 1/E[T^*]$$

onde T^* é a duração completa do desemprego.

Existem duas razões, operando em direções opostas, que levam a que a duração média dos episódios completos, $E[T^*]$, seja diferente da duração média dos episódios em andamento até o momento da entrevista, $E[T | D=1]$. Por um lado, a duração média dos episódios em andamento subestima a duração dos episódios completos uma vez que parte da duração destes não é computada. Por exemplo, se numa economia todos os episódios de desemprego têm a duração de seis meses e ocorrem aleatoriamente distribuídos ao longo do ano, então, uma amostra em um ponto no tempo irá fornecer durações de desemprego até o momento da pesquisa que estarão uniformemente distribuídas entre zero e seis meses, levando a que a

duração média estimada seja de três meses. Neste caso, teremos que a duração média até o momento da entrevista é igual à metade da duração do episódio completo.

Por outro lado, a amostra de desempregados em um ponto no tempo tende a super-representar os episódios de longa duração uma vez que estes são mais prováveis de estar em andamento no momento da pesquisa. Este fator leva a que a duração média até o momento da entrevista dos episódios em andamento no momento da pesquisa superestime a duração média do desemprego. Para visualizar este fenômeno suponha que a economia é formada de dois grupos de trabalhadores de mesmo tamanho. Em ambos os grupos todos os trabalhadores ficam desempregados exatamente uma vez por ano. Num grupo o período completo de desemprego dura um mês ao passo que no outro o episódio dura seis meses. Vamos assumir que num grupo $1/12$ dos trabalhadores está desempregado a cada mês e que no outro $1/2$ dos trabalhadores fica desempregado no primeiro semestre e $1/2$ no segundo. Neste caso uma pesquisa feita ao final de junho irá encontrar $1/2(1/12 + 1/2)$ da força de trabalho desempregado, com $6/7$ dos desempregados estando há seis meses desempregados e $1/7$ estando há apenas um mês. Assim, a duração média do desemprego nesta amostra de desempregados será $37/7=5,3$ meses, ao passo que na população total sabemos que a duração média dos episódios de desemprego que ocorrem no ano é de $(1+6)/2=3,5$ meses. O fato de o peso dos episódios de desemprego de longa duração ser maior na amostra ($6/7$) do que na população ($1/2$) leva a que a duração média fique superestimada.

Em suma, a interrupção dos episódios de desemprego leva a uma subestimação enquanto a super-representação dos episódios de longa duração na amostra leva a uma superestimação da duração média. O fato notável que utilizaremos neste estudo é que quando a distribuição da duração dos episódios é exponencial estes dois efeitos se cancelam levando a que:

$$\mathbf{E}[T^*] = \mathbf{E}[T | D=1]$$

Assim, assumindo-se que a distribuição da duração dos episódios de desemprego é exponencial temos que a probabilidade de saída do desemprego, a , é dada por:

$$a = 1/\mathbf{E}[T | D=1]$$

e, portanto, pode ser consistentemente estimada invertendo-se a duração média do desemprego até a data de referência dos trabalhadores desempregados. Com base nesta estimativa para a probabilidade de saída do desemprego, a , e na taxa de desemprego, μ , podemos obter uma estimativa consistente da probabilidade de entrada no desemprego, s , via:

$$s = a\mu/(1-\mu)$$

3 - RESULTADOS

Estimativas para os oito indicadores utilizados para cada uma das categorias investigadas encontram-se apresentadas na Tabela 1. Estas estimativas são médias para o período 1982/93 e referem-se às regiões metropolitanas de São Paulo e Recife.

A seguir, descrevemos, em três etapas, os padrões de variação destes indicadores ao longo das seis dimensões investigadas. Na primeira analisamos os padrões de variação da extensão e intensidade do desemprego. Três indicadores são considerados: **a)** taxa de desemprego, **b)** duração média do desemprego entre os desempregados e **c)** duração média do desemprego entre as pessoas economicamente ativas (magnitude do desemprego). O primeiro indicador é uma medida da extensão do desemprego, o segundo uma medida da intensidade do desemprego e o terceiro, sendo o produto dos dois primeiros, é uma medida abrangente da magnitude do desemprego, captando tanto a sua extensão como a sua intensidade. Na segunda, tratamos das probabilidades de entrada e saída do desemprego, que são os determinantes imediatos da taxa de desemprego. Finalmente, na terceira parte tratamos da distribuição do desemprego ao longo das diversas dimensões analisadas, isto é, descrevemos qual a contribuição de cada categoria para o estoque de desemprego utilizando tanto pessoas desempregadas como meses de desemprego como unidade de análise. Toda a análise será feita para a região metropolitana de São Paulo. Os resultados para a região metropolitana de Recife encontram-se na Tabela 1.

3.1 - Magnitude do Desemprego

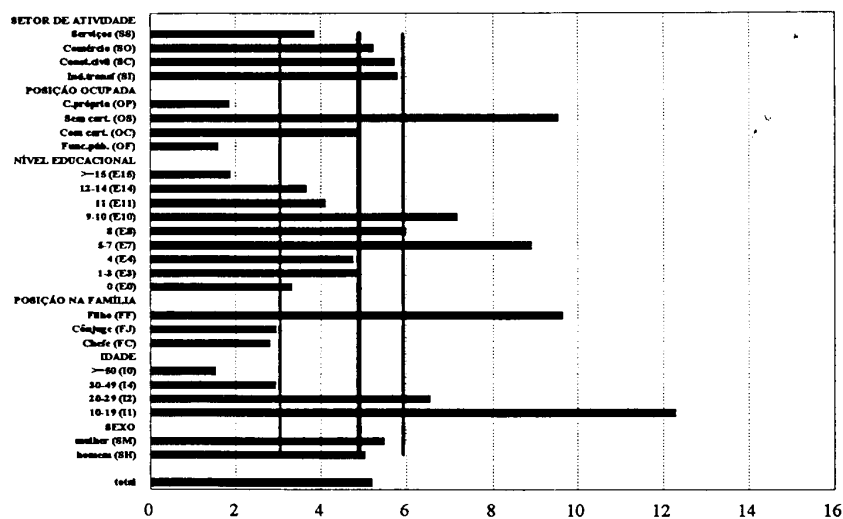
3.1.1 - Extensão

Grau de variabilidade: a Tabela 1 e o Gráfico 1 apresentam o padrão de variação da taxa de desemprego ao longo das seis dimensões analisadas. Eles revelam que a taxa de desemprego varia consideravelmente ao longo destas dimensões, com as variações sendo particularmente significativas ao longo das faixas etárias e por posição no domicílio.

Com vistas a comparar a intensidade da variabilidade da taxa de desemprego ao longo de cada uma destas dimensões, a Tabela 2 apresenta o índice de dissimilaridade da taxa de desemprego para cada uma das seis dimensões analisadas. Este índice indica qual a percentagem mínima dos desempregados que necessitariam ser remanejados entre categorias para garantir que a taxa de desemprego viesse a ser a mesma em todas as categorias da dimensão analisada. Os resultados apresentados nesta tabela confirmam a maior variabilidade da taxa de desemprego por faixa etária e por posição no domicílio. O índice de dissimilaridade relativo a estas dimensões é 27%, cerca de duas vezes maior que o correspondente índice por nível educacional e posição na ocupação (que são as duas dimensões ao longo das quais a magnitude das flutuações na taxa de

desemprego assume valores intermediários). A variabilidade da taxa de desemprego é particularmente baixa por sexo (2%).

Gráfico 1: Taxa de Desemprego



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

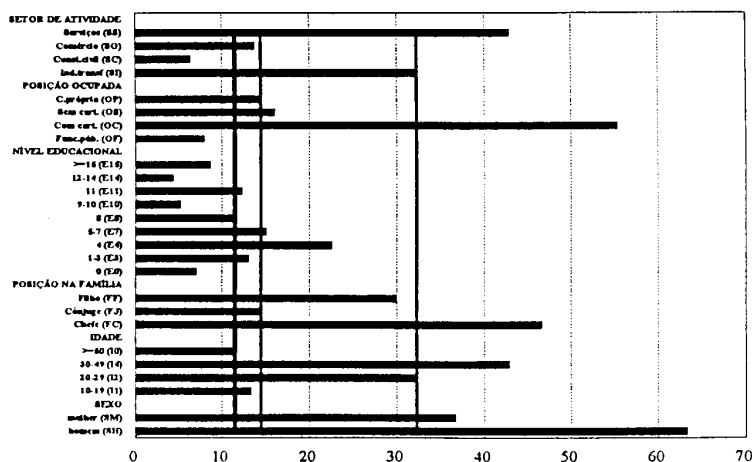
Tabela 2
Índice de Dissimilaridade da Taxa de Desemprego

Dimensão	Regiões	
	São Paulo	Recife
Sexo	2.0	4.3
Idade	26.6	27.3
Posição no Domicílio	26.9	27.9
Nível Educacional	14.6	13.6
Posição na Ocupação	14.9	21.2
Setor de Atividade	8.7	10.6

Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego Médio (PME) para o período 1982/93.

Embora o Gráfico 1 permita que se tenha uma idéia inicial do grau de variabilidade da taxa de desemprego ao longo de cada uma das seis dimensões, este não permite uma avaliação definitiva desta questão, uma vez que ele não fornece a informação sobre o tamanho relativo das diversas categorias de uma dada dimensão. Esta informação é apresentada no Gráfico 2 e levada em consideração no cômputo do índice de dissimilaridade.

Gráfico 2: Tamanho Relativo das Categorias



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1992/93.

Categorias com altas e baixas taxas de desemprego: na Tabela 1 e Gráfico 1 estamos trabalhando com um total de 26 categorias. Para identificar aquelas com taxas de desemprego particularmente altas e baixas dividimos este conjunto de categorias em três grupos. O primeiro é formado das categorias com as mais baixas taxas de desemprego; o segundo é formado das categorias com taxas de desemprego intermediárias. Finalmente, o terceiro grupo é formado pelas categorias com altas taxas de desemprego.

O Gráfico 1 revela que o primeiro grupo (categorias com as mais baixas taxas de desemprego) é formado por dois subgrupos. Com taxas de desemprego realmente baixas, inferiores a 2%, estão os funcionários públicos e trabalhadores por conta própria, os trabalhadores com nível superior completo e os trabalhadores mais velhos (50 anos e mais). Com taxas ligeiramente maiores, entre 2 e 3%, encontram-se os chefes, cônjuges e os trabalhadores adultos (com idade entre 30 e 49 anos).⁵

O segundo grupo (altas taxas de desemprego) é mais heterogêneo, podendo ser dividido em três subgrupos. No primeiro, com uma taxa de desemprego superior a 12%, encontram-se os adolescentes (com idade entre 10 e 19 anos). A seguir, com uma taxa de desemprego entre 8 e 10%, encontram-se os filhos, os empregados sem carteira e os trabalhadores com educação ginásial incompleta (cinco a sete anos de estudo). Finalmente, com uma taxa de desemprego entre 6 e 8%, encontram-se os trabalhadores jovens (com idade entre 20 e 29 anos) e aqueles

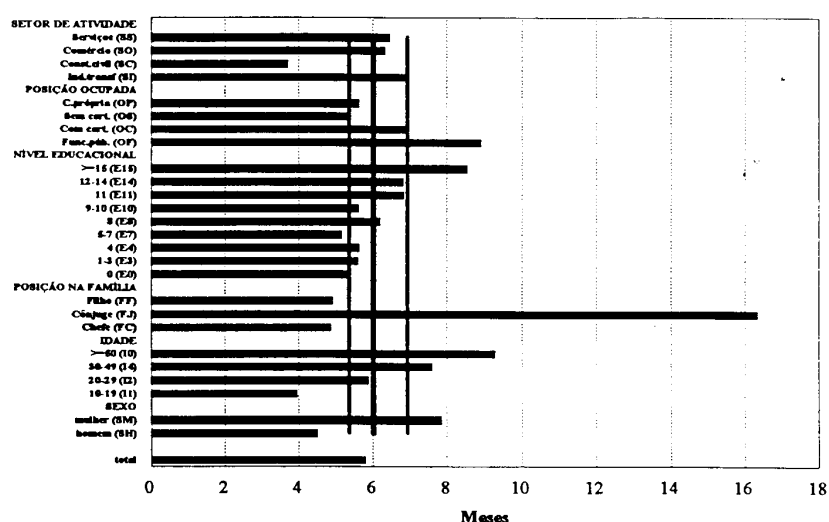
⁵ Para sermos mais precisos, quando estamos nos referindo à taxa de desemprego de algumas categorias como, por exemplo, funcionários públicos, deveríamos nos referir a estes como "ex-funcionários públicos" na medida em que não faz sentido falarmos da taxa de desemprego de funcionários públicos que estão ocupados. O mesmo problema já não existe quando a categoria utilizada é, por exemplo, cônjuge.

com educação fundamental completa (1º grau) e secundária incompleta (oito a 10 anos de estudo).

3.1.2 - Intensidade

Grau de variabilidade: a Tabela 1 e o Gráfico 3 apresentam o padrão de variação da duração média do desemprego ao longo das seis dimensões analisadas. Os resultados revelam que este indicador tende a variar relativamente menos que a taxa de desemprego. Com vistas a comparar a intensidade da variabilidade da duração do desemprego ao longo de cada uma destas dimensões, a Tabela 1 apresenta o desvio padrão da duração média do desemprego para cada uma das seis dimensões analisadas.

Gráfico 3: Duração Média do Desemprego



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

Os desvios padrão apresentados na Tabela 1 revelam que as dimensões nas quais a duração do desemprego é mais variável diferem das correspondentes para a taxa de desemprego. Esta tabela revela que a duração do desemprego é particularmente mais variável por posição no domicílio, com as variações por sexo e idade ocupando o segundo lugar. Setor de atividade, posição na ocupação e nível educacional são as dimensões ao longo das quais a duração do desemprego é mais estável.

Categorias com altas e baixas durações de desemprego: para identificar as categorias com duração média do desemprego particularmente altas e baixas dividimos o conjunto de categorias em três grupos. O primeiro é formado por categorias com as mais baixas durações de desemprego. O segundo por categorias com durações de desemprego intermediárias. Finalmente, o terceiro grupo é formado pelas categorias com altas durações de desemprego.

O Gráfico 3 revela que o primeiro grupo, formado pelas categorias com curto período de desemprego, é composto por dois subgrupos. Com períodos de desemprego realmente curtos encontram-se os adolescentes (trabalhadores entre 10 e 19 anos) e os trabalhadores da construção civil. A este grupo seguem-se os chefes, os filhos e os homens.

No grupo com mais longas durações de desemprego, os cônjuges se destacam em relação às demais categorias, com uma duração média do desemprego de cerca de 18 meses. Ainda neste grupo, mas com uma duração entre sete e 10 meses, encontram-se as mulheres, os trabalhadores adultos (com idade entre 30 e 49 anos) e os mais velhos (50 anos e mais), os trabalhadores com nível superior completo e os funcionários públicos.

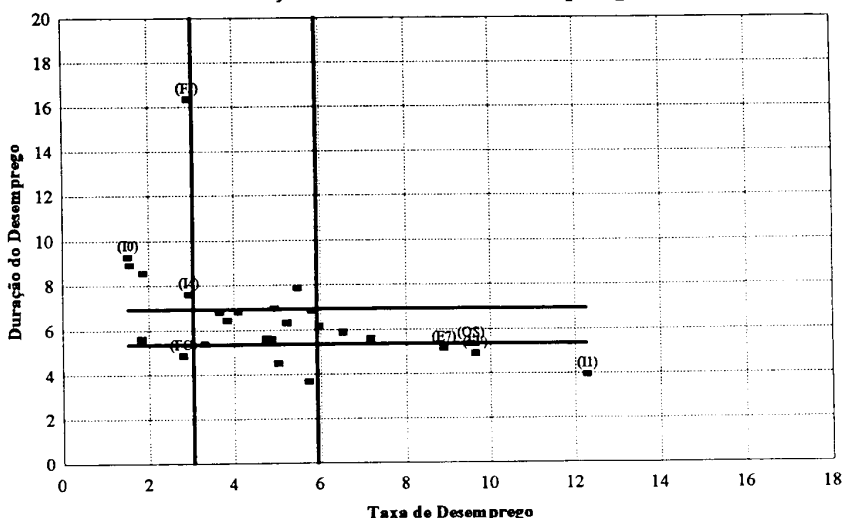
3.1.3 - Magnitude do Desemprego

Extensão versus **intensidade**: a magnitude do desemprego depende tanto da sua extensão (proporção dos trabalhadores por ele atingido), como da sua intensidade, (duração média de um período de desemprego) e pode ser medida como o produto da taxa de desemprego pela duração média dos períodos de desemprego. Nas duas subseções anteriores vimos como cada um destes dois indicadores de desemprego varia ao longo das seis dimensões investigadas neste estudo. A distribuição do desemprego entre as categorias analisadas irá depender não apenas de como variam isoladamente a extensão e a intensidade ao longo destas categorias, mas, também, do sincronismo destas variações. Assim, caso as categorias com alta taxa de desemprego sejam também aquelas com os períodos de desemprego de mais longa duração, teremos que a distribuição do desemprego estará mais concentrada do que se o oposto ocorrer.

Com o objetivo de avaliar a natureza da associação entre estes dois indicadores de desemprego, o Gráfico 4 apresenta a duração média do desemprego contra a taxa de desemprego para as 26 categorias investigadas. Este gráfico revela uma relação inversa entre estes dois indicadores, levando a compensações de tal forma que a distribuição dos efeitos do desemprego seja menos concentrada do que se poderia esperar das distribuições isoladas das duas características do desemprego. De fato, apenas uma categoria, os chefes, tem baixa taxa e duração média e nenhuma categoria tem, ao mesmo tempo, taxa e duração média elevadas.

A maioria das categorias com altas taxas de desemprego compensam exibindo baixas durações médias. Este é o caso dos adolescentes (trabalhadores com idade entre 10 e 19 anos), filhos, trabalhadores com educação ginásial incompleta (cinco a sete anos de estudo) e trabalhadores sem carteira. Da mesma forma, a maioria dos grupos com alta duração média tende a compensar apresentando uma baixa taxa de desemprego. Este é o caso dos cônjuges, trabalhadores adultos (com entre 30 e 49 anos) e mais velhos (50 anos e mais), trabalhadores com nível superior completo e funcionários públicos.

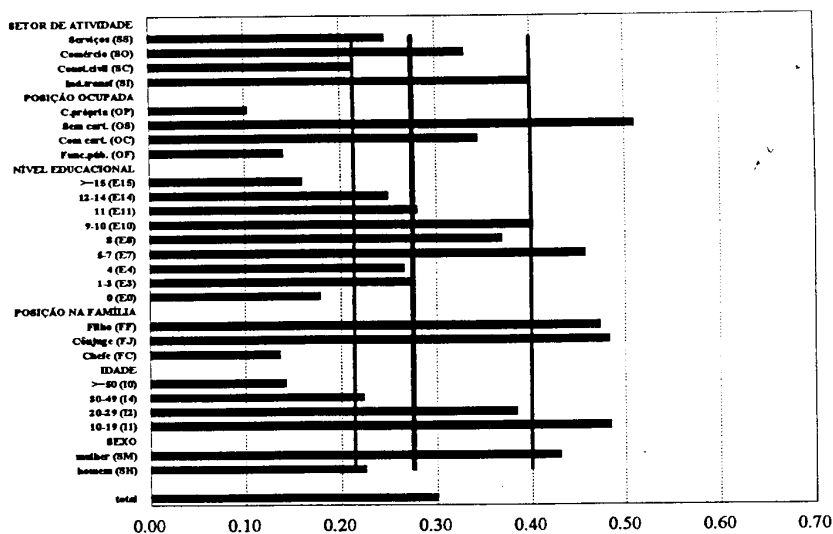
Gráfico 4: Taxa de Desemprego versus Duração Média do Desemprego



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

Grau de variabilidade: a Tabela 1 e o Gráfico 5 apresentam o padrão de variação da magnitude do desemprego ao longo das seis dimensões analisadas. Os resultados revelam que, dada a relação inversa existente entre a taxa e a duração média do desemprego, a magnitude do desemprego tende a variar relativamente menos que estes dois indicadores tomados isoladamente. Com vistas a comparar a intensidade da variabilidade da magnitude do desemprego ao longo de cada uma destas dimensões, a Tabela 1 apresenta o desvio padrão da magnitude do desemprego para cada uma das seis dimensões analisadas. Os desvios padrão apresentados nesta tabela revelam que a dimensão onde a magnitude do desemprego é mais variável é a posição no domicílio. A magnitude do desemprego é também particularmente variável por posição na ocupação, com as variações por sexo, idade e nível educacional ocupando o terceiro lugar. O setor de atividade é a dimensão ao longo da qual a magnitude do desemprego é mais estável.

Categorias com altas e baixas magnitudes de desemprego: o Gráfico 5 revela que a magnitude do desemprego é particularmente concentrada entre os trabalhadores sem carteira. A seguir encontram-se os cônjuges e os filhos, os adolescentes (trabalhadores com idade entre 10 e 19 anos) e os trabalhadores com educação ginásial incompleta (cinco a sete anos de estudo). Finalmente, seguem-se as mulheres e os trabalhadores com educação secundária incompleta (oito a 10 anos de estudo).

Gráfico 5: Magnitude do Emprego

Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

No grupo onde a magnitude do desemprego é baixa destacam-se os trabalhadores por conta própria. A esta categoria seguem-se os funcionários públicos, os chefes, os trabalhadores mais velhos (50 anos e mais) e aqueles que possuem educação superior completa. Ainda neste grupo encontramos os trabalhadores na construção civil.

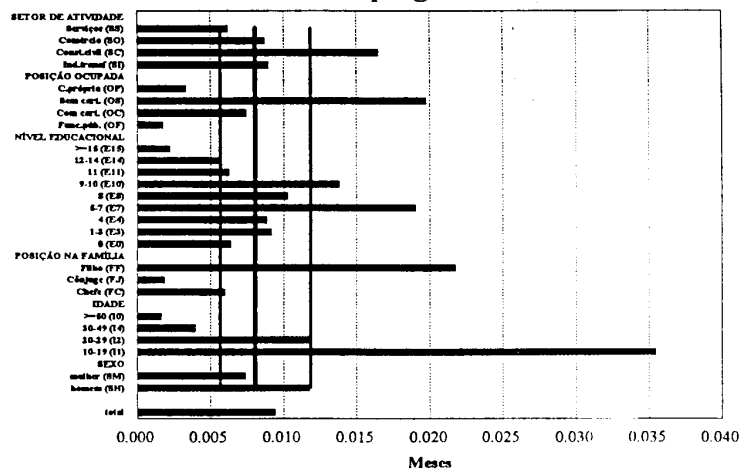
3.2 - Entrada e Saída do Desemprego

3.2.1 - Probabilidade de Entrada

A Tabela 1 e o Gráfico 6 apresentam como a probabilidade de entrada no desemprego varia ao longo das seis dimensões em estudo. Das 26 categorias analisadas a probabilidade de entrada no desemprego é mais elevada entre os adolescentes (trabalhadores com idade entre 10 e 19 anos), onde mais de 3% dos ocupados ficam desempregados a cada mês. Ainda com elevada probabilidade de entrada no desemprego encontram-se os filhos, aqueles com educação ginásial incompleta (cinco a sete anos de estudo), os trabalhadores sem carteira e os trabalhadores na construção civil. Finalmente, o grupo das categorias com mais altas probabilidades de entrada é composto pelos trabalhadores com educação secundária incompleta (8 a 10 anos de estudo).

No grupo com mais baixas probabilidades de entrada no desemprego encontram-se os funcionários públicos, aqueles com educação superior completa, cônjuges e os trabalhadores mais velhos (50 anos e mais). Ainda neste grupo, mas com probabilidades de entrada um pouco maiores, encontram-se os trabalhadores por conta própria e os trabalhadores adultos (com idade entre 30 e 49 anos).

Gráfico 6: Probabilidade de Entrada no Desemprego

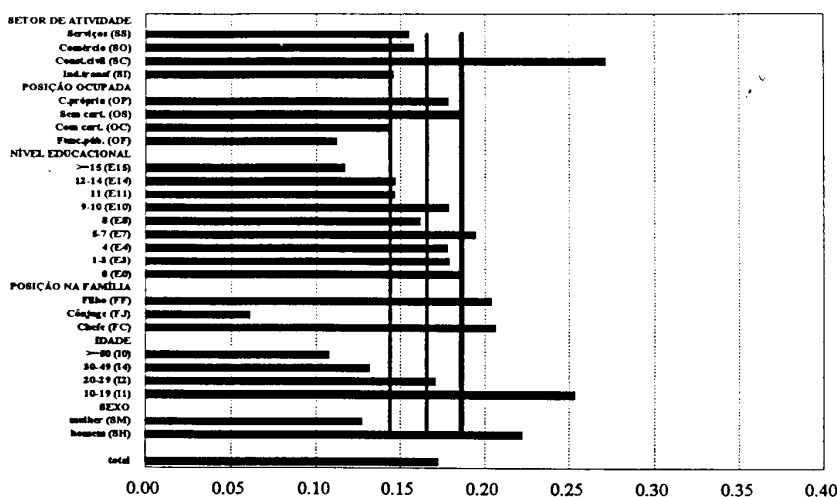


Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

3.2.2 - Probabilidade de Saída

A Tabela 1 e o Gráfico 7 apresentam como a probabilidade de saída do desemprego varia ao longo das seis dimensões em estudo. Das 26 categorias analisadas a probabilidade de saída do desemprego é mais elevada entre os trabalhadores na construção civil e adolescentes (trabalhadores com idade entre 10 e 19 anos) onde cerca de 25% dos desempregados encontram emprego a cada mês. A estas duas categorias seguem-se, ainda com altas probabilidades de saída do desemprego, os homens, os chefes e filhos, os trabalhadores com educação mediana (cinco a sete anos de estudo) e os trabalhadores sem carteira.

Gráfico 7: Probabilidade de Saída do Desemprego



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

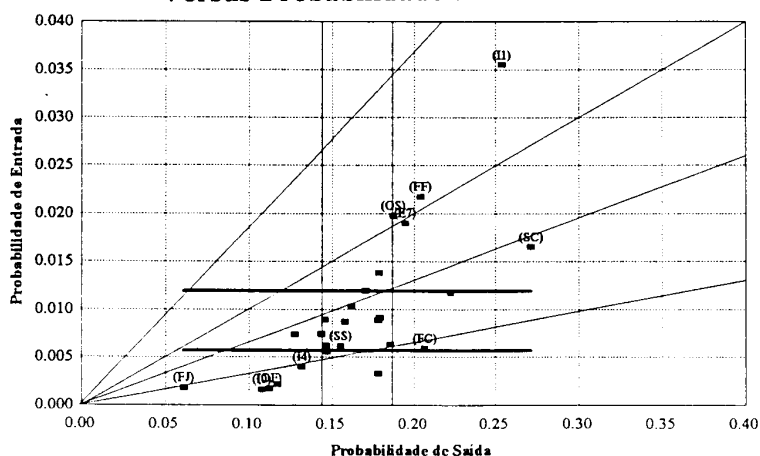
No grupo com baixas probabilidades de saída destacam-se os cônjuges, com uma probabilidade de sair do desemprego a cada mês inferior a 5%. Com probabilidades de saída também baixas, mas próximas a 10%, encontram-se os trabalhadores mais velhos (50 anos e mais), os funcionários públicos e os trabalhadores com nível superior completo. Seguem-se a estas categorias as mulheres, os trabalhadores adultos (com idade entre 30 e 49 anos) e os trabalhadores com carteira.

3.2.3 - Probabilidade de Entrada versus Probabilidade de Saída

As probabilidades de entrada e saída, como visto na Subseção 2.2.4, definem a taxa de desemprego. Uma dada taxa de desemprego é compatível tanto com baixas como com altas probabilidades de entrada e saída do desemprego. No entanto, uma associação entre altas (baixas) probabilidades de entrada e baixas (altas) probabilidades de saída leva, necessariamente, a altas (baixas) taxas de desemprego. Em outras palavras, uma associação negativa entre probabilidades de entrada e saída leva a maiores disparidades na taxa de desemprego.

Com o objetivo de analisar a natureza desta associação o Gráfico 8 apresenta a probabilidade de saída **versus** a probabilidade de entrada no desemprego. Este gráfico revela uma clara associação positiva entre estas duas probabilidades. Nenhuma das 26 categorias combina uma alta (baixa) probabilidade de entrada com uma baixa (alta) probabilidade de saída. Cinco categorias caracterizam-se por exibir uma alta rotatividade — alta probabilidade de entrada e saída: adolescentes (trabalhadores com idade entre 10 e 19 anos), filhos, trabalhadores com educação mediana (cinco a sete anos de estudo), trabalhadores na construção civil e sem carteira. Do lado oposto, cinco categorias caracterizam-se por exibir uma baixa rotatividade – baixa probabilidade de entrada e saída: cônjuges, trabalhadores com educação superior completa, trabalhadores adultos (com idade entre 30 e 49 anos) e mais velhos (50 anos e mais) e funcionários públicos.

Gráfico 8: Probabilidade de Saída Versus Probabilidade de Entrada



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

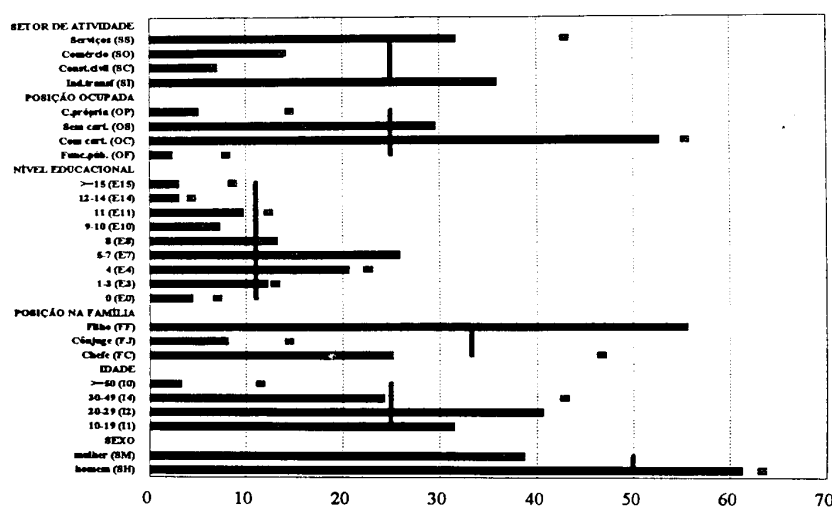
3.3 - Contribuição para o Estoque de Desemprego

A contribuição de uma categoria para o estoque de desemprego pode ser medida de duas formas: **a)** pela proporção dos desempregados na categoria e **b)** pela proporção do estoque de meses de desemprego que se deve a desempregados na categoria. Nesta subseção avaliamos, com base nestas duas medidas, a contribuição para o estoque de desemprego das 26 categorias em estudo. Além disso, contrastamos a contribuição destas categorias para o estoque de desemprego com a contribuição da categoria para a população economicamente ativa.

3.3.1 - Contribuição para o Número de Desempregados

O Gráfico 9 apresenta a contribuição de cada uma das categorias para o total de desempregados. Para facilitar a análise apresentamos também neste gráfico qual seria a contribuição de cada categoria caso a distribuição do desemprego entre estas fosse uniforme ou seguisse a distribuição da população economicamente ativa entre estas categorias.⁶

Gráfico 9: Contribuição da Categoria para o Total de Desempregados



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

Este gráfico revela que em termos absolutos (isto é, em relação à distribuição uniforme) o desemprego está concentrado entre os homens, jovens (trabalhadores com idade entre 10 e 29 anos), filhos, entre aqueles com educação elementar (1º grau), entre os trabalhadores com carteira e na indústria e serviços.

Em termos relativos (isto é, comparando com a contribuição de cada categoria para a população economicamente ativa) este gráfico revela que o desemprego

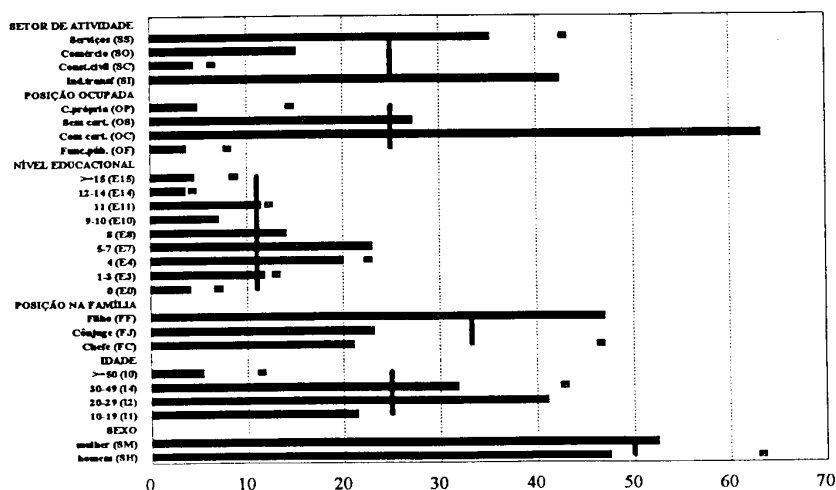
⁶ A contribuição de cada categoria caso a distribuição do desemprego entre estas fosse uniforme está representada pelas barras verticais. A contribuição da categoria para a população economicamente ativa está representada pelos quadradinhos na mesma linha de cada categoria.

está concentrado nos adolescentes (trabalhadores com idade entre 10 e 19 anos), filhos, trabalhadores com educação mediana (cinco a sete anos de estudo) e trabalhadores sem carteira. Além disso, os trabalhadores adultos (com idade entre 30 e 49 anos), os chefes, aqueles com educação superior completa, funcionários públicos e trabalhadores nos serviços encontram-se sub-representados entre os desempregados.

3.3.2 - Contribuição para o Estoque de Meses de Desemprego

O Gráfico 10 apresenta a contribuição de cada uma das categoria para o estoque de meses de desemprego. Este gráfico revela que em termos absolutos (isto é, em relação à distribuição uniforme) o estoque de meses de desemprego está concentrado entre os jovens e adultos (trabalhadores com idade entre 20 e 49 anos), filhos, entre aqueles com educação elementar (1º grau), entre os trabalhadores com carteira e na indústria e serviços.

Gráfico 10: Contribuição da Categoria para o Estoque de Meses de Desemprego



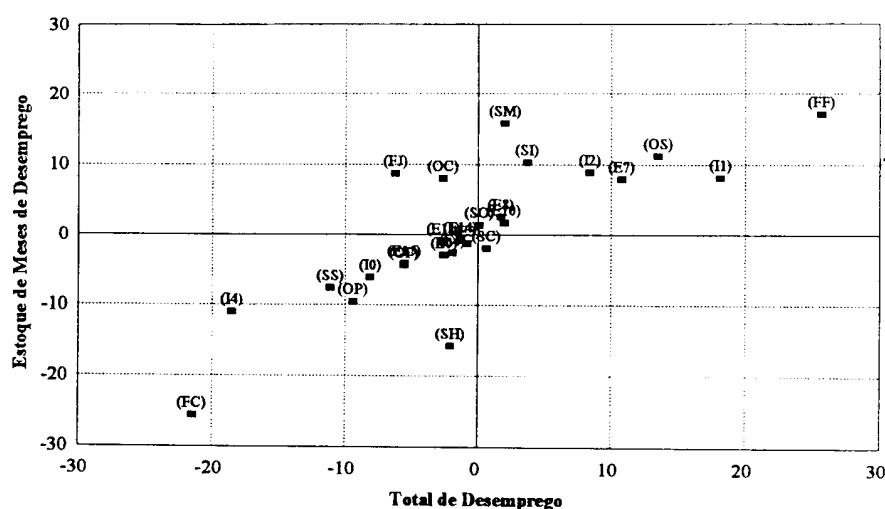
Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

Em termos relativos (isto é, comparando com a contribuição de cada categoria para a população economicamente ativa) este gráfico revela que o estoque de meses de desemprego está concentrado entre as mulheres, adolescentes e jovens (trabalhadores com idade entre 10 e 29 anos), filhos e cônjuges, trabalhadores com educação mediana (cinco a sete anos de estudo), trabalhadores sem carteira e na indústria. Além disso, os homens, os adultos, os chefes, os trabalhadores por conta própria e os trabalhadores nos serviços possuem uma participação no estoque de meses de desemprego bem inferior à sua contribuição para a população economicamente ativa.

3.3.3 - Contribuição para o Número de Desempregados versus Contribuição para o Estoque de Meses de Desemprego

O Gráfico 11 apresenta para cada categoria a diferença entre a contribuição para o estoque de meses de desemprego e a contribuição para a população economicamente ativa **versus** a diferença entre a contribuição para o número de desempregados e a contribuição para a população economicamente ativa.

Gráfico 11: Diferença entre as Contribuições do Estoque de Desemprego e PEA versus a Diferença entre as Contribuições do N° de Desempregados e PEA



Fonte: Construído com base nas informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para a Região Metropolitana de São Paulo, média para o período 1982/93.

Os resultados revelam que filhos apresentam ambas as contribuições para o desemprego bem acima da sua contribuição para a população economicamente ativa; com os chefes ocorre exatamente o contrário. Além destes dois casos extremos, temos que, entre os trabalhadores sem carteira, adolescentes e jovens (trabalhadores com idade entre 10 e 29 anos), e entre aqueles com educação mediana (cinco a sete anos de estudo), ambas as contribuições para o desemprego tendem a ser superiores à contribuição para a população economicamente ativa. A situação inversa ocorre para os trabalhadores adultos (com idade entre 30 e 49 anos), por conta própria e do setor serviços que possuem ambas as contribuições para o desemprego significativamente inferiores àquela para a população economicamente ativa.

Mais notável, no entanto, são os casos onde uma das contribuições para o desemprego difere da contribuição para a população economicamente ativa, ao passo que a outra é muito semelhante. Por um lado, os homens apresentam uma contribuição para o número de desempregados semelhante à sua contribuição para a população economicamente ativa; a sua contribuição para o estoque de meses de desemprego, no entanto, é bem inferior. Por outro lado, mulheres, cônjuges,

trabalhadores com carteira e na indústria da transformação apresentam uma contribuição para o número de desempregados semelhante à sua contribuição para a população economicamente ativa; sua contribuição para o estoque de meses de desemprego, no entanto, é bem superior, podendo ser uma consequência da duração média do desemprego ser relativamente mais elevada nestas categorias.

4 - IMPLICAÇÕES E SUBSÍDIOS PARA POLÍTICAS

4.1 - Desigualdade e Pobreza

A importância do desemprego como um dos determinantes da desigualdade e da pobreza vai depender de como o estoque de desemprego encontra-se distribuído na população. O impacto do desemprego será tão maior quanto maior for a magnitude deste nas categorias de mais baixa renda (por exemplo, trabalhadores na construção civil) e categorias que contribuem com maior parcela da renda das famílias pobres (por exemplo, os chefes de família).

O Gráfico 5 apresenta (veja também a Tabela 1) como a magnitude do desemprego varia entre as 26 categorias analisadas. Como vimos, este gráfico revela que a magnitude do desemprego é maior entre jovens (trabalhadores com idade entre 10 e 29 anos), filhos, mulheres, cônjuges, trabalhadores sem carteira e trabalhadores com educação mediana (cinco a sete anos de estudo). O fato de a magnitude do desemprego ser elevada entre jovens, mulheres e cônjuges certamente contribui para o aumento da desigualdade de renda pessoal, mas deve ter um impacto muito menor sobre a desigualdade de renda familiar e, portanto, sobre a pobreza, uma vez que estas categorias tendem a ter uma contribuição para o orçamento familiar relativamente pequena.

O fato de a magnitude do desemprego ser elevada entre os trabalhadores sem carteira tem também um forte impacto sobre a distribuição da renda pessoal, com o impacto sobre a pobreza e a desigualdade, no entanto, dependendo da posição destes trabalhadores nas suas respectivas famílias. Além disso, o fato de a magnitude do desemprego ser elevada entre os medianamente educados (cinco a sete anos de estudo) mas não entre aqueles com muito pouca educação (zero a quatro anos de estudo) corrobora a hipótese de que o impacto do desemprego sobre a pobreza deve ser limitado.

Este mesmo gráfico revela que a magnitude do desemprego é baixa entre chefes, trabalhadores por conta própria e trabalhadores na construção civil. Nestes casos, a evidência é de que o impacto do desemprego sobre a pobreza e a desigualdade é limitado. No caso dos chefes temos que a magnitude do desemprego é baixa sendo esta a categoria cuja contribuição para o orçamento familiar é mais elevada. No caso dos trabalhadores por conta própria e na construção civil a magnitude do desemprego é baixa sendo estas categorias aquelas com salários relativamente mais baixos.

4.2 - Nível Educacional, Experiência e Desemprego

Os Gráficos 1, 3 e 5 apresentam (veja também a Tabela 1) como variam a taxa de desemprego, a duração média do desemprego e a magnitude do desemprego ao longo das seis dimensões em estudo. Estes gráficos permitem avaliar em que medida níveis educacionais mais elevados ou maior experiência no mercado de trabalho tendem a reduzir as chances de um trabalhador ficar desempregado e a duração do período de desemprego, quando este ocorre. Como a relação entre desemprego e nível educacional e desemprego e experiência são de natureza distinta, passamos a analisá-la em separado.

Nível educacional: o Gráfico 1 revela que a relação entre a taxa de desemprego e o nível educacional tem a forma de um U-invertido. A taxa de desemprego sobe até a categoria com educação elementar incompleta (até sete anos de estudo) e, a partir daí, declina. A taxa de desemprego daqueles sem instrução é semelhante àquela para os com educação superior incompleta e maior que a daqueles com educação superior completa. Quanto à duração do desemprego, o Gráfico 3 indica que esta é crescente com o nível educacional. O Gráfico 5 (que combina estes dois indicadores) revela que o padrão da taxa de desemprego domina, levando a que a relação entre a magnitude do desemprego e o nível educacional tenha a forma de um U-invertido. Devido ao fato de que a duração do desemprego cresce com o nível educacional, tem-se que a magnitude do desemprego entre aqueles sem qualquer escolaridade é muito semelhante à daqueles com educação superior completa, apesar da menor taxa de desemprego destes.

Em suma, a relação entre desemprego e nível educacional não é monotônica. Assim, maiores níveis educacionais podem tanto elevar a importância do desemprego como minimizá-la, tudo dependendo do nível educacional inicial. Pode-se dizer que a educação elementar (1^o grau) tende a elevar a exposição de um trabalhador ao desemprego, enquanto a educação secundária e, em particular, a educação superior, tende a reduzir a probabilidade de um trabalhador ficar desempregado, apesar de tender a elevar a duração do desemprego caso este venha a ocorrer.

Experiência: o Gráfico 1 revela que a taxa de desemprego tende a declinar com a idade do trabalhador e, portanto, com a sua experiência no mercado de trabalho. Assim, há evidência de que quanto maior a experiência do trabalhador no mercado de trabalho menor a probabilidade de este ficar desempregado. O Gráfico 3, no entanto, revela que, como no caso do nível educacional, a duração do desemprego cresce com a experiência. Assim, apesar de trabalhadores com maior experiência tenderem a apresentar uma menor probabilidade de ficarem desempregados, uma vez que ficam desempregados seu período de desemprego tende a ser mais longo. O Gráfico 5 combina estes dois efeitos e revela que o primeiro domina levando a que a magnitude do desemprego seja decrescente com a experiência do trabalhador no mercado de trabalho. Assim, uma das vantagens da experiência no mercado de trabalho é uma menor exposição ao desemprego.

4.3 - Determinantes Imediatos da Taxa de Desemprego

Conforme visto na Seção 3.2, em equilíbrio, a taxa de desemprego é determinada pelas probabilidades de entrada e saída do desemprego. Assim, para que a taxa de desemprego de um grupo seja maior que a de outro é necessário que ou **a**) a probabilidade de entrada no desemprego seja maior ou **b**) que a probabilidade de saída do desemprego seja menor ou **c**) que estas duas ocorram. Nesta subseção utilizamos este fato para analisar os padrões de variação da taxa de desemprego ao longo das seis dimensões consideradas neste estudo.

Sexo: o Gráfico 1 revela que a taxa de desemprego dos homens é bastante semelhante à das mulheres. Esta semelhança, no entanto, é apenas aparente. Conforme podemos observar no Gráfico 8, os homens apresentam uma taxa de rotatividade bem maior (as probabilidades de entrada e saída do desemprego são bem maiores). Em outras palavras, os homens perdem e conseguem (aceitam) empregos com maior rapidez que as mulheres. Assim, qualquer análise das diferenças em desemprego por sexo deve iniciar com explicações sobre por que as probabilidades de entrada e saída são maiores para homens do que para mulheres.

Idade: o Gráfico 1 revela que a taxa de desemprego declina com a idade. Este fato tem que estar associado ou **a**) a uma queda com a idade na probabilidade de entrada no desemprego ou **b**) a um crescimento com a idade na probabilidade de saída do desemprego ou **c**) a ambos. O Gráfico 8 revela que a queda da taxa de desemprego com a idade se deve a uma acentuada queda na probabilidade de entrada no desemprego. De fato, a probabilidade de saída do desemprego ao invés de crescer com a idade também declina. Assim, tanto a probabilidade de perder o emprego como a probabilidade de encontrar um outro emprego (caso o trabalhador venha a ficar desempregado) declinam com a idade. Como a probabilidade de perder o emprego declina mais rapidamente que a probabilidade de encontrar um, tem-se que a taxa de desemprego declina com a idade, apesar da duração média dos períodos de desemprego crescer com a idade. Note-se que a taxa de desemprego é uma função crescente da razão entre a probabilidade de entrada e a probabilidade de saída do desemprego. Assim, como o Gráfico 8 revela, esta razão declina com a idade e, com isso, declina a taxa de desemprego.

Posição no domicílio: o Gráfico 1 revela que a taxa de desemprego para chefes e cônjuges é muito semelhante sendo, no entanto, muito elevada para filhos. Apesar de semelhantes, podemos observar no Gráfico 8 que existem importantes diferenças nas probabilidades de entrada e saída do desemprego para estas categorias. Os chefes (assim como os homens) apresentam probabilidades de entrada e saída maiores que os cônjuges (assim como as mulheres) — a taxa de rotatividade dos chefes é, portanto, maior que a dos cônjuges. Contudo, como o aumento nas duas probabilidades é quase que proporcional, a razão entre estas é semelhante, levando a taxas de desemprego semelhantes. Quanto aos filhos, estes apresentam uma probabilidade de saída semelhante à dos chefes mas apresentam uma probabilidade de entrada no desemprego muitíssimo mais elevada,

implicando uma razão entre as probabilidades de entrada e saída mais elevada e, portanto, uma taxa de desemprego também mais elevada.

Nível Educacional: o Gráfico 1 apresenta uma relação entre nível educacional e taxa de desemprego na forma de um U-invertido. O Gráfico 8 revela que a forma desta relação deve-se ao fato de que a probabilidade de entrada no desemprego tende a crescer com a educação elementar (1º grau) ao passo que a probabilidade de saída tende a permanecer aproximadamente constante. No caso da educação secundária, esta tende a reduzir as duas probabilidades. Como a redução é maior na probabilidade de entrada observa-se uma redução na taxa de desemprego.

Posição na Ocupação: o Gráfico 1 revela que a taxa de desemprego é baixa entre os funcionários públicos e trabalhadores por conta própria, atingindo níveis medianos entre os empregados com carteira e níveis elevados entre os empregados sem carteira. O Gráfico 8 revela que os funcionários públicos apresentam uma baixa taxa de desemprego por apresentarem probabilidades de entrada no desemprego muito baixas, uma vez que as probabilidades de saída do desemprego também são baixas. Os trabalhadores por conta própria apresentam ambas as probabilidades mais elevadas que os funcionários públicos exibindo, portanto, um maior grau de rotatividade. No entanto, como a razão entre as duas probabilidades permanece a mesma, a taxa de desemprego não se altera apesar da maior rotatividade. Os empregados sem carteira apresentam a mesma probabilidade de saída do desemprego que os trabalhadores por conta própria, porém apresentam uma probabilidade de entrada no desemprego muito mais elevada. Já os trabalhadores com carteira apresentam uma posição intermediária, com a probabilidade de saída do desemprego menor que a dos trabalhadores por conta própria e maior que a dos funcionários públicos, e a probabilidade de entrada maior que a dos trabalhadores por conta própria e menor que a dos empregados sem carteira. Assim, com uma probabilidade de entrada maior e uma probabilidade de saída menor, os empregados com carteira apresentam uma taxa de desemprego nitidamente maior que os trabalhadores por conta própria. Em relação aos empregados sem carteira, os empregados com carteira apresentam ambas as probabilidades menores em proporções não muito distintas levando a menor rotatividade mas à taxas de desemprego similares.

Setor de atividade: o Gráfico 1 revela que a taxa de desemprego varia pouco por setor de atividade, sendo um pouco mais elevada na indústria e na construção civil e mais baixa nos serviços. O comércio apresenta uma posição intermediária. O Gráfico 8 revela que a maior taxa de desemprego no comércio e na indústria em relação àquelas para serviços deve-se à maior probabilidade de entrada no desemprego dos trabalhadores nestes dois setores de atividade em relação ao observado nos serviços, uma vez que estes três setores apresentam probabilidades de saída semelhantes. A maior taxa de desemprego na construção civil, no entanto, apresenta uma explicação distinta. Na construção civil tanto a probabilidade de entrada como a de saída são substancialmente maiores, com o crescimento na probabilidade de entrada sendo relativamente maior, levando a uma taxa de desemprego e rotatividade maiores.

4.4 - Rotatividade: Fatores Determinantes

Uma alta probabilidade de entrada no desemprego significa uma alta taxa de rotatividade. Assim, um exame das categorias com mais elevada probabilidade de entrada no desemprego permite avaliar a importância relativa dos principais determinantes da taxa de rotatividade.

A rotatividade da mão-de-obra responde a fatores econômicos e institucionais. Do ponto de vista puramente econômico, quanto maior a instabilidade da demanda pelo produto de um dado setor e quanto menor o custo de treinamento de um certo tipo de trabalhador maior será a taxa de rotatividade. Além disso, quanto menos informação tiverem os trabalhadores sobre as firmas e vice-versa, maior será a probabilidade de casamentos ineficientes e, portanto, maior será a taxa de rotatividade. Do ponto de vista institucional, por um lado, as demissões são freadas por elevados custos de demissão e incentivadas por dispositivos institucionais (como a política salarial, elevações no salário mínimo e relações rígidas entre salário e tempo na empresa) que por vezes requerem que os salários cresçam a taxas maiores que a produtividade. Por outro lado, os desligamentos voluntários ou induzidos são estimulados por dispositivos institucionais (como o FGTS e o seguro desemprego) que fazem com que o custo do desligamento para o trabalhador decline com a duração da relação de trabalho.

Quais destes fatores é mais importante para explicar a rotatividade da mão-de-obra brasileira? Uma averiguação de quais categorias apresentam maior taxa de rotatividade permite clarificar esta questão ao menos parcialmente. A Tabela 1 e o Gráfico 6 apresentam a probabilidade de entrada no desemprego para as 26 categorias em estudo. Estas informações, analisadas na Subseção 3.2.1, revelaram que a taxa de rotatividade é, acima de tudo, decrescente com a experiência no mercado de trabalho, indicando que o fenômeno do **job shopping** tem importância em explicar a rotatividade da força de trabalho brasileira. O fato de a taxa ser elevada na construção civil mostra a importância da instabilidade da demanda. O fato de a rotatividade ser elevada nos postos sem carteira e baixa entre os funcionários públicos indica a importância dos custos e restrições institucionais à demissão. O fato de a taxa de rotatividade ser baixa entre aqueles com nível educacional superior e entre os trabalhadores mais experientes indica que custos de treinamento mais elevados reduzem a rotatividade.

A grande surpresa é o fato de a taxa de rotatividade não ser elevada entre os trabalhadores com mais baixo nível educacional; estes trabalhadores teriam baixo custo de treinamento e seriam mais sensíveis a aumentos no salário mínimo. Este fato revela que existe pouca evidência de que restrições institucionais à flexibilidade salarial sejam um fator importante para explicar a taxa de rotatividade. Na verdade, a taxa de rotatividade é mais elevada entre os trabalhadores com educação mediana (cinco a sete anos de estudo), um fato de explicação não imediata, provavelmente relacionado à distribuição setorial deste segmento da força de trabalho. Outro fato igualmente difícil de explicar é a baixa rotatividade dos cônjuges e dos trabalhadores por conta própria.

4.5 - Duração do Desemprego: Fatores Determinantes

Uma baixa probabilidade de saída do desemprego ou uma longa duração do período de desemprego tem dois determinantes imediatos: **a)** uma baixa frequência de ofertas de emprego e **b)** um elevado grau de seletividade na escolha das ofertas, isto é, um elevado grau de rejeição de ofertas recebidas.

A baixa frequência de ofertas tem sua explicação no grau de congestionamento do mercado de trabalho (medido, por exemplo, pela razão entre o número de desempregados e o número de vagas) e pela tecnologia de busca e a eficiência do sistema de divulgação das vagas existentes (por exemplo, dependendo da eficiência com que funciona o Sine). Já o grau de seletividade depende do custo de busca de um subgrupo relativo ao grupo a que pertence em termos de produtividade. Quanto menor o custo de permanecer desempregado de um subgrupo em relação a seus pares em termos de produtividade, mais seletivo será este subgrupo em aceitar ofertas de trabalho.

Qual destes fatores é mais importante para explicar as diferenças na probabilidade de saída do desemprego das 26 categorias tratadas neste estudo? Na Subseção 3.2.2 vimos que a probabilidade de saída declinava com a idade. Como o custo de busca provavelmente cresce com a idade, tem-se que a principal justificativa deve estar ligada não a uma crescente seletividade com a idade, mas sim com um crescente congestionamento do mercado de trabalho com a idade. Por exemplo, o número de vagas por desempregado e, portanto, a probabilidade de receber uma oferta deve declinar com a idade.

Da mesma forma a maior probabilidade de saída entre os trabalhadores na construção civil, empregados sem carteira e filhos deve-se não à baixa seletividade devido a altos custos de busca, mas sim a um baixo congestionamento do mercado que deve exibir uma elevada razão entre vagas e desempregados. Já os homens e os chefes devem apresentar uma alta probabilidade de saída devido à baixa seletividade, motivada por elevados custos de busca. Por outro lado, as mulheres e cônjuges apresentam baixa probabilidade de saída devido a um alto grau de seletividade motivado por baixos custos de busca.

A baixa probabilidade de saída dos funcionários públicos e trabalhadores com carteira pode dever-se em parte a maior seletividade, motivada por um menor custo de busca garantido pelo seguro desemprego e pelo FGTS, mas certamente encontra o seu principal determinante no maior congestionamento do seu segmento do mercado de trabalho.

Finalmente, o fato de a probabilidade de saída do desemprego declinar com o nível educacional está muito menos relacionado a maior seletividade dos grupos mais educados e muito mais a maior estreiteza do mercado de trabalho para trabalhadores com maior nível educacional.

4.6 - Políticas de Emprego e Programas de Treinamento

Políticas de Emprego: na Seção 3.1 investigamos como o estoque de meses de desemprego encontra-se distribuído entre as 26 categorias tratadas neste estudo. Os resultados obtidos revelam que o desemprego encontra-se concentrado entre os filhos e entre aqueles com educação elementar (1º grau). Estes fatos deixam claro que os programas de emprego devem ser focalizados em trabalhadores jovens com educação mediana para terem maior impacto sobre o desemprego.

Programas de Treinamento: na Seção 3.1 investigamos como a magnitude do desemprego variava ao longo das 26 categorias em estudo. Com base nos resultados obtidos, concluímos que a magnitude do desemprego não variava muito entre os setores de atividade analisados indicando, por um lado, a necessidade de se fazer uma análise setorialmente mais detalhada e, por outro, que existem evidências preliminares de que não há necessidade de focalizar os programas de treinamento. Caso houvesse uma significativa heterogeneidade setorial no que se refere à magnitude do desemprego, seria recomendável concentrar os programas de treinamento nos setores onde a magnitude do desemprego fosse baixa.

4.7 - Seguro Desemprego

Quanto ao financiamento deste sistema, o fato de a magnitude do desemprego ser pouco variável entre os setores de atividade analisados indica que pouca importância distributiva teria um sistema de financiamento em que a contribuição de cada firma fosse proporcional à magnitude do desemprego médio gerado pelas firmas do setor a que pertence. Evidentemente, estudos setorialmente mais desagregados poderiam vir a identificar uma maior heterogeneidade que não é captada a este nível de desagregação.

Quanto à natureza redistributiva do programa, o fato de a magnitude do desemprego não ser crescente com o nível educacional (para baixos níveis de escolaridade), ser menor entre os chefes e menor entre as pessoas mais velhas, leva a que o programa não venha a atingir a população com mais baixos salários e que mais contribui para o orçamento de suas respectivas famílias. Assim, o impacto redistributivo do programa de seguro desemprego é muito limitado.

BIBLIOGRAFIA

AMADEO, E. J., ESTEVÃO, M. **A teoria econômica do desemprego**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BIVAR, W. S. B. **Aspectos da estrutura do desemprego no Brasil: composição por sexo e duração**. Rio de Janeiro: BNDES, 1993. 17º Prêmio BNDES de Economia. Tese (M)PUC-RJ.

CORSEUIL, C. H. L. **Desemprego: aspectos teóricos e o caso brasileiro**. Rio de Janeiro: IPEA, abr. 1994 (Série Seminários, 4/94).

CORSEUIL, C. H. L., GONZAGA, G., ISSLER, J. V. **Desemprego regional no Brasil: uma abordagem empírica**. Rio de Janeiro: IPEA, jul. 1996 (Série Seminário, 09/96).

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**.

———. **Pesquisa Mensal de Empregos**.

ROCHA, S. **Metropolização da pobreza: uma análise nucleoperiférica. Perspectivas da Economia Brasileira**. Rio de Janeiro: IPEA, v.2, p. 527-539, 1993.

SEADE/DIEESE. **Pesquisa Mensal de Emprego**.